

FORMAS TRATAMENTAIS E ALTERNÂNCIA ESTILÍSTICA EM SANTA CATARINA E NO DISCURSO RELIGIOSO: PRESENTE E PASSADO

Izete Lehmkuhl Coelho

Universidade Federal de Santa Catarina/CNPq

Marco Antonio Rocha Martins

Universidade Federal de Santa Catarina/CNPq

Érica Marciano de Oliveira

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC

Gésyka Mafra

Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC

Helena Alves Gouveia

Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC

Rafael Traesel

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC

1. INTRODUÇÃO

Neste capítulo, apresentamos e correlacionamos resultados de quatro dissertações de mestrado (TRAESEL, 2016; ZIBETTI, 2018; GOUVEIA, 2019; MAFRA, 2018), orientadas pela Prof^a. Izete Lehmkuhl Coelho, no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, sobre

o uso de formas tratamentais e pronomes pessoais e a alternância estilística em Santa Catarina e no discurso religioso.

Os projetos de pesquisa desenvolvidos pela Izete Coelho (a quem agradecemos, sempre, por nossa formação!), num percurso marcado por extrema competência e generosidade, em sua atuação (e coordenação por várias gestões) no grupo VARSUL e no *Projeto PHPB-SC*, levaram à conclusão muitas monografias de final de curso, relatórios de Iniciação Científica, dissertações de mestrado e teses de doutorado, muito tendo contribuído com a formação de recursos humanos na área de Sociolinguística Variacionista e Sociolinguística Histórica na UFSC. As pesquisas realizadas e levadas a público mostram um rico panorama das formas tratamentais (ver NUNES DE SOUZA, 2015; NUNES DE SOUZA E COELHO, 2015; COELHO 2019) e de variação estilística (ver as publicações reunidas em GÖRSKI, COELHO, NUNES DE SOUZA, 2014) em variedades do português falado e escrito no Brasil no curso dos séculos, com especial atenção à região Sul.

Neste capítulo, damos visibilidade à parte desse percurso com a sistematização de resultados de pesquisas que mostram: (seção 2) uma estreita correlação entre o local de nascimento – se em Santa Catarina ou se em outros estados brasileiros – na distribuição das formas tratamentais na fala de adolescentes que residem em Florianópolis e os usos estilísticos das variantes **tu** e **você** (TRAESSEL, 2016); (seção 3) com base numa amostra de cartas pessoais escritas por catarinenses e que estão no acervo do projeto PHPB-SC¹¹⁴, uma metodologia para a análise da alternância estilística em cartas pessoais e uma análise de formas tratamentais da segunda pessoa do singular (**tu versus você**) e da primeira do plural (**nós versus a gente**) na função de sujeito e de formas imperativas (ZIBETTI, 2018; GOUVEIA, 2019); e (seção 4) uma análise das formas tratamentais na função de sujeito e das formas imperativas em discurso de personagens dos livros de *Lucas* e *Atos* em duas versões brasileiras da Bíblia, Almeida Revista e Atualizada (RA, 1959) e Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH, 2000), publicadas pela Sociedade Bíblica do Brasil (MAFRA, 2018) .

Os resultados dos estudos aqui discutidos mostram percursos da mudança nas formas tratamentais e a sua estreita relação com a alternância estilística, que se refletem no presente, ou, mais especificamente, na fala de adolescentes catarinenses e de outros estados que moram em Florianópolis, assim como se

¹¹⁴ Detalhes do projeto, dos *corpora* organizados e dos resultados de estudos linguísticos e sócio-históricos desse importante projeto coordenado por Izete Coelho na UFSC podem ser conferidos em Coelho, Monguilhott, Martins e Görski (2021).

refletem no passado, em cartas pessoais catarinenses no curso dos séculos XIX e XX e na tradução nas duas versões da Bíblia.

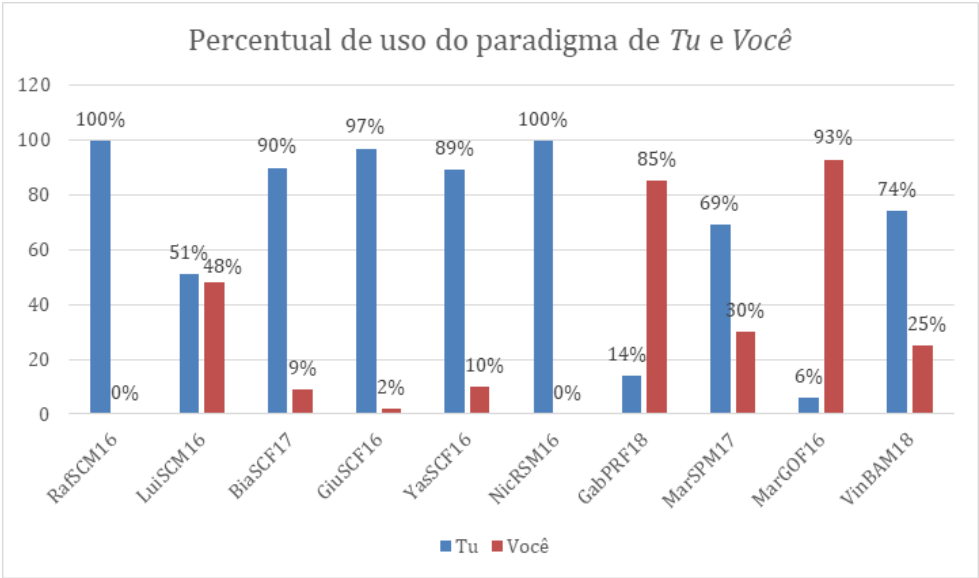
2. FORMAS TRATAMENTAIS NA FALA DE ADOLESCENTES EM FLORIANÓPOLIS

Traesel (2016) estuda as formas tratamentais variáveis dos paradigmas de **tu** e de **você** no português falado por adolescentes moradores do bairro Ingleses da cidade de Florianópolis/Santa Catarina. A pesquisa foi realizada em 2016 a partir de uma coleta de dados em entrevistas de 10 informantes com idade entre 16 e 18 anos, 5 do sexo masculino e 5 do sexo feminino; 5 informantes nascidos em Florianópolis e 5 nascidos no Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo, Goiás e Bahia¹¹⁵.

A análise de 544 dados, 337 (61%) de formas de **tu** e 207 (39%) de formas de **você**, mostra que alguns dos informantes conservam as marcas identitárias com o uso de um paradigma de **tu** ou de **você**, com o predomínio do paradigma de **tu** por falantes nascidos em Florianópolis, conforme o que é mais marcante em seus Estados de origem. Abaixo apresentamos a distribuição percentual por informante.

¹¹⁵ Os informantes são: RafSCM16 e LuiSCM16: informantes nascidos na cidade de Florianópolis/Santa Catarina, cujos pais e avós são nativos da cidade (manezinhos da ilha); GiusCF16 e YasSCF16: informantes nascidas na cidade de Florianópolis/Santa Catarina, cujos pais são nascidos no Rio Grande do Sul; BiaSCF17: informante nascida na cidade de Florianópolis/Santa Catarina, cuja mãe e avós maternos são nativos da cidade e pai e avós paternos são nascidos no Uruguai; GabPRF18: informante nascida na cidade de Curitiba/Paraná, cujos pais são nascidos no Paraná; NicRSM16: informante nascido na cidade de Porto Alegre/Rio Grande do Sul, cujos pais são nascidos no Rio Grande do Sul; MarSPM17: informante nascido na cidade de Santos/São Paulo, cujos pais são nascidos em São Paulo; MarGOF16: informante nascida na cidade de Goiânia/Goiás, cujos pais são nascidos em Goiás; VinBAM18: informante nascido na cidade de Vitória da Conquista/Bahia, cujos pais são nascidos na Bahia.

Gráfico 11.1 – Percentual de uso do paradigma de *tu* e do paradigma de *você* por informante



Fonte: Traesel, 2016, p. 137.

Retomaremos aqui os resultados referentes à variável extralinguística ‘local de nascimento dos informantes’ controlada no estudo de Traesel (2016), cuja distribuição de uso de formas do paradigma de *tu* e de *você* podem ser visualizadas na Tabela 11.1 abaixo:

Tabela 11.1 – Ocorrências de uso do Paradigma de *Tu* e do *Você*, segundo a variável local de nascimento do informante (TRAESEL, 2016, p. 128)

Variáveis Dependentes:		Paradigma de Você		Paradigma de Tu		Total	
Variáveis Extralinguísticas		Ocorrências	%	Ocorrências	%	Oc	%
Local de nascimento do informante:	Santa Catarina	32	24	194	85	226	41
	Rio Grande do Sul	0	0	38	100	38	7
	Paraná	29	85	5	14	34	6
	São Paulo	11	30	25	69	36	6
	Goiás	112	93	8	6	120	22
	Bahia	23	25	67	74	90	16
TOTAL		207	38	337	61	544	

Confirmando resultados de estudos anteriores sobre o paradigma preferido por falantes de estados da região Sul, os dados da pesquisa de Traesel com adolescentes nascidos em diferentes localidades mostram que: (1) em Santa Catarina, há o predomínio do paradigma de *tu* (194/226 – 85%), confirmando o que outros

estudos encontraram para essa localidade (RAMOS, 1989; LOREGIAN-PENKAL, 2004; ARDUIN, 2005; COELHO, GÖRSKI, 2011; NUNES DE SOUZA, 2012; RAMOS, 2012); (2) no Rio Grande do Sul, há uso categórico do paradigma de *tu* (como mostram resultados de MENON; LOREGIAN-PENKAL (2002); LOREGIAN-PENKAL (2004)); e (3) no Paraná, há o predomínio do paradigma de *você* com baixa ocorrência do paradigma de *tu* (5/34 – 14%), confirmando o que outros estudos encontraram para essa localidade (MENON, LOREGIAN-PENKAL, 2002; LOREGIAN-PENKAL, 2004).

Na fala de adolescentes nascidos nos demais Estados, Traesel encontra: (1) o predomínio do paradigma de *tu* em São Paulo (25/36 – 69%); (2) o predomínio de formas do paradigma de *você* em Goiás, com apenas 8 ocorrências de 120 (6%); e (3) o predomínio do paradigma de *tu* na fala do informante nascido em Vitória da Conquista/Bahia (67/90 – 74%).

Esses resultados mostram uso majoritário do paradigma de **tu** por aqueles que são nascidos em Florianópolis/SC ou Porto Alegre/RS, alternância entre aqueles que são nascidos em Santos/SP e Vitória da Conquista/BA e predomínio do paradigma de **você** entre os nascidos em Curitiba/PR e Goiânia/GO. A fala de alguns informantes que não nasceram em Florianópolis conserva fortemente as marcas de uso de **tu** ou de **você** dos seus Estados de origem, e outros alternam com a variante usada em Florianópolis, mostrando a influência do uso da variante **tu** na fala desses adolescentes.

3. FORMAS TRATAMENTAIS EM CARTAS PESSOAIS CATARINENSES

Apresentamos nesta seção uma metodologia para a análise da alternância estilística em cartas pessoais, tomando para referência e teste uma amostra de cartas pessoais escritas por catarinenses pertencente ao projeto PHPB-SC (ZIBETTI, 2018) e uma análise de formas tratamentais de segunda pessoa do singular (**tu** *versus* **você**) e da primeira pessoa do plural na função de sujeito (**nós** *versus* **a gente**) e de formas imperativas (GOUVEIA, 2019).

3.1. Alternância estilística e formas tratamentais nas cartas da Tia Ciça

Zibetti (2018) propôs uma metodologia, em uma perspectiva qualitativa, para o estudo da alternância estilística em cartas pessoais a partir da amostra *Cartas da Tia Ciça* do projeto PHPB-SC – missivas de uma catarinense para sua sobrinha, escritas entre os anos de 1988 e 2014. Os objetivos específicos deste

trabalho foram: (i) apresentar os procedimentos realizados para o levantamento dos estilos contextuais na amostra; (ii) contribuir para uma descrição mais geral sobre o processo de variação linguística de determinados usos linguísticos a partir das alternâncias estilísticas contextuais na escrita epistolar; e (iii) descrever os contextos estilísticos encontrados na amostra e mapear tais contextos nas missivas.

A amostra *Cartas da Tia Ciça* foi doada ao PHPB-SC¹¹⁶ pela destinatária “T”. Compõe-se por 125 cartas (para esta pesquisa foram utilizadas 50 cartas) que tratam de assuntos variados: há conversas ontológicas sobre a vida e a morte; há desabafos sobre os problemas familiares, como crise no casamento e educação dos filhos; há, também, críticas ao governo da época, à inflação e aos programas de televisão, principalmente, às telenovelas.

Para a construção dessa proposta metodológica, Zibetti (2018) se baseou nas seguintes abordagens de variação estilística na Sociolinguística:

- *Attention paid to speech* (LABOV, 2008 [1972]; 2001) – abordagem na qual o grau de atenção à fala está relacionado à formalidade do uso linguístico. Desses estudos, também, foram consideradas algumas categorias do modelo Árvore de Decisão de Labov (2001), como: *narrative*, *kids* e *soapbox*.
- *Audience design* (BELL, 1984; 2001) – abordagem na qual as trocas estilísticas são realizadas de acordo com o tópico discursivo e com a audiência. Desses estudos, foi considerada a perspectiva de que os indivíduos alternam seus estilos de fala de acordo com o tema discursivo, tendo em vista que não houve alteração de audiência, porque foi ela interlocutora em diferentes situações contextuais e em diferentes momentos sócio-históricos. Além de ter seguido o “princípio 10” de Bell (2001), o qual sugere que a pesquisa estilística requer seu próprio design e metodologia.
- *Speaker design* (cf. ECKERT, 2001; 2004; COUPLAND, 2007; SCHILLING, 2013, entre outros) – abordagem na qual as variantes linguísticas se correlacionam com as categorias sociais, com o foco na identidade e na interação do indivíduo. Desses estudos, foi considerada a perspectiva qualitativa no estudo do estilo e a compreensão de Eckert (2004) sobre o estudo da variação, de que não se deve partir das variáveis linguísticas, mas, sim, da investigação de estilo, rastreando, assim, as contribuições dos recursos individuais do estilo.

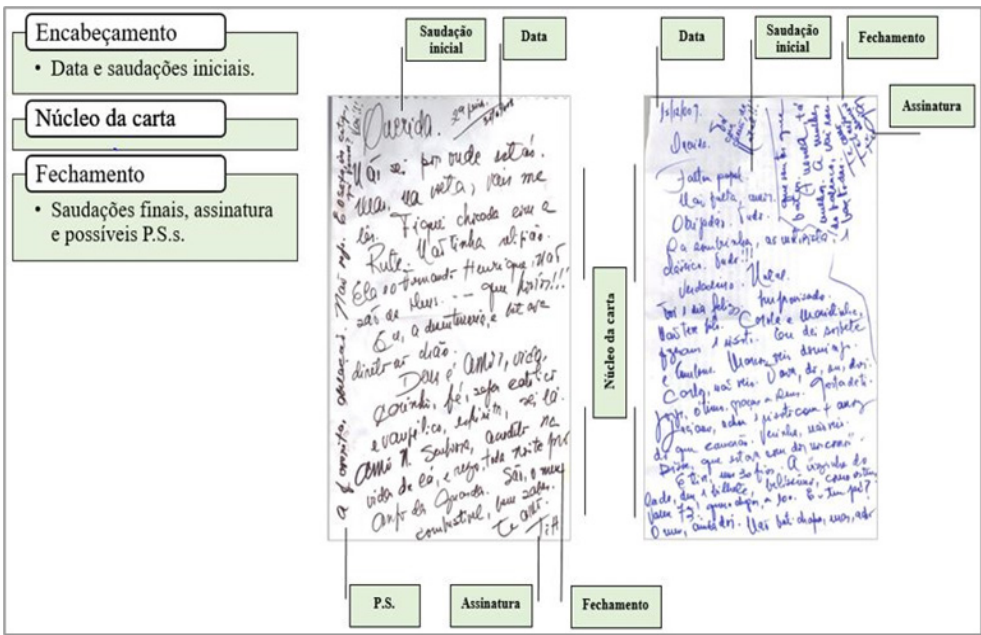
¹¹⁶ A amostra *Cartas da Tia Ciça* foi digitalizada e transcrita por uma equipe do projeto que seguiu as normas de edição estabelecidas pela coordenação geral.

- **Sociolinguística Histórica** – da qual foi destacada a compreensão do estilo em materiais escritos, como o resultado de uma relação comunicativa entre os interlocutores em um evento de fala, considerando como análise os fatores pessoais e contextuais e as relações pessoais, que vão além da interação comunicativa (cf. CONDE SILVESTRE, 2007).

Para a especificação dos contextos estilísticos encontrados na amostra *Cartas da Tia Ciça*, Zibetti (2018) também recorreu a outras teorias linguísticas, com motivações pragmáticas: a **Teoria da Enunciação**, da qual se traz a noção de subjetividade na linguagem e a distinção de tempos verbais de Benveniste (1991 [1958]); a **Linguística textual**, da qual se expõe a distinção de tempos verbais e as noções pragmáticas de mundo de Weinreich (1964); a **Análise da conversação**, da qual se apresentam os pares conversacionais (ou pares de adjacência) de Schegloff e Sacks (1973 apud LEVISON, 2007 [1983]); e a **Teoria dos Atos de Fala**, de Austin (1990 [1962]) e a classificação alternativa de Searle (1995 [1979]), da qual se trazem as cinco categorias básicas dos atos de fala ilocucionários: *veriditivos* (*assertivos*), *exercitivos* (*diretivos*), *comissivos* (*compromissivos*), *comportamentais* (*expressivos*) e *expositivos* (*declarativos*).

As questões levantadas na pesquisa foram: (i) Como captar os contextos estilísticos (a partir de quais elementos?) em cartas pessoais da amostra *Cartas da Tia Ciça*?; (ii) O que se espera de uma metodologia para o estudo da alternância dos estilos contextuais na escrita de cartas pessoais?; e (iii) O que se espera de um mapeamento da alternância estilística na escrita de um único indivíduo (a missivista)? Os passos seguidos para construir a proposta metodológica foram a verificação da estrutura epistolar (Figura 11.1); a identificação e a descrição desses contextos (conforme Figura 11.2 e subsequente explicação); e o mapeamento desses contextos estilísticos nas cartas (Figuras 11.3 e 11.4).

Figura 11.1 – Verificação das partes constitutivas da estrutura epistolar na amostra *Cartas da Tia Ciça*.

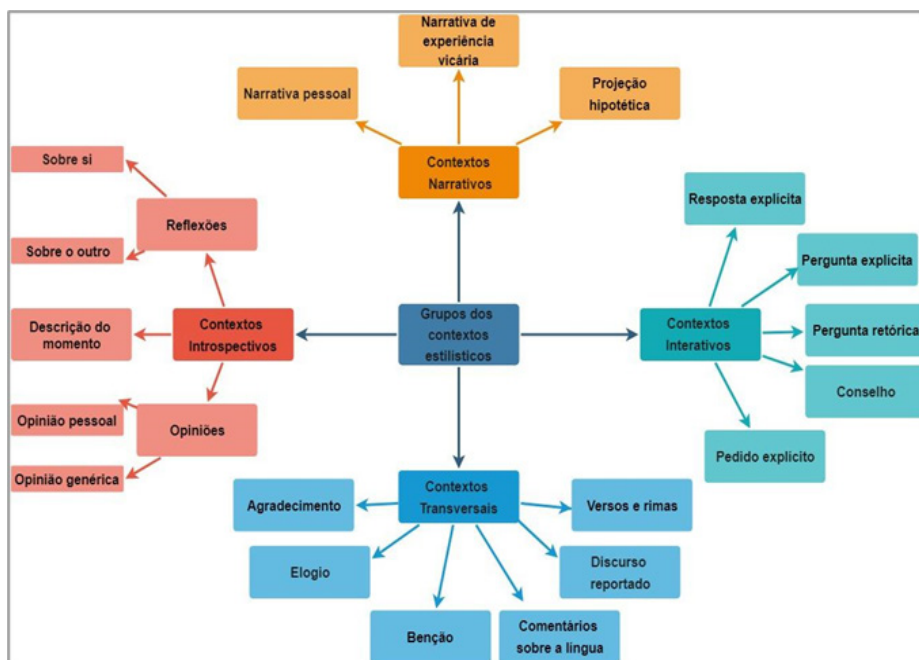


Fonte: Zibetti (2018, p. 109).

Após essa etapa de verificação da estrutura epistolar, a autora descreveu os critérios de segmentação para o estabelecimento de estilos contextuais encontrados na amostra. Foram encontrados diferentes contextos estilísticos nas cartas, os quais foram agrupados de acordo com as características semelhantes entre si, o

que resultou em quatro grupos de contextos estilísticos, conforme Figura 11.2 e explicação a seguir:

Figura 11.2 – Grupo dos contextos estilísticos encontrados na amostra *Cartas da Tia Ciça*.



Fonte: adaptado de Zibetti, 2018.

- **Contextos narrativos:** representam os relatos de vivências pessoais e habituais e as reminiscências, bem como relatos de experiências vividas por terceiros, próximos da missivista, e relatos com projeção hipotética, pela missivista imaginados. Esse grupo é constituído pelos contextos: *narrativa pessoal*, *narrativa de experiência vicária* e *projeção hipotética*.
- **Contextos interacionais:** são aqueles que representam as estratégias de comunicação que favorecem o diálogo entre a missivista e sua interlocutora por meio da escrita. Esse grupo é constituído pelos contextos: *resposta explícita* (à carta anterior), *pergunta explícita* à interlocutora, *pergunta retórica*, *conselho*, *pedido explícito*.
- **Contextos introspectivos:** são aqueles que apresentam as expressões sentimentais da missivista: *reflexões sobre si e sobre o outro*; a *descrição do momento* da escrita da carta a partir do ponto de vista da missivista,

bem como as reações apreciativas (avaliativas) da locutora, *as opiniões*, tanto pessoal quanto genérica.

- **Contextos transversais:** são aqueles que “atravessam” a estrutura epistolar, aparecendo no encabeçamento, no núcleo da carta, junto aos outros contextos estilísticos, e no fechamento, figurando, inclusive, em *post scriptum* de algumas cartas. Esse grupo é constituído pelos contextos: *agradecimento, elogio, benção, comentários sobre a língua, discurso reportado, versos e rimas*.

Após o levantamento, a identificação e a descrição dos contextos estilísticos encontrados na amostra em estudo, para observar o potencial da proposta metodológica, Zibetti (2018) aplicou os critérios dos contextos estilísticos nas cartas, mapeando-os em diferentes cores, com a identificação de cada contexto junto ao seu tópicico temático (como exposto na Figura 11.3).

Figura 11.3 – Aplicação dos critérios dos contextos estilísticos no texto epistolar.

Cartas da Tia Ciça
Localização: Florianópolis
Tipo: Carta pessoal
Data: 12 de dezembro de 1988.
Coletado por: VARSUL
Transcrição: Érica Marciano de Oliveira
Zibetti
Revisão: Helena Alves Gouveia

Resposta
Explícita
+
Reflexão
sobre si
(sobre
si)

Opinião
pessoal
+
Narrativa
pessoal
(política)

Opinião
Pessoal
(política)

[fol. 1r] T. || Pra fechar o envelope, | tu
disseste: **ser feliz!** || Eu te juro, doce amiga:
| isso é tudo o que eu quiz! || **Foi demais.**
Charme abusativo. | Sabes, até o Jorge
Bornhausen me | cumprimentou.
Politicamente, claro. | Mas,
o Rosalino, nada. Gatinho | bôbo. Vende
caro. Acabo jogando | a farinha fora. Aquê
peixe, não | é pro meu pirão. || Sempre repeti
que vou parar. | Até 89 ou Século 21. Mas,
se | te escrever, enche, enche mesmo: | o
meu coração de alegria! || Tudo || Ciça || Dia
12 de dezembro 88.

Fonte: Zibetti (2018, p. 146).

Figura 11.4 – Aplicação dos critérios dos contextos estilísticos no texto epistolar.

Cartas da Tia Ciça
Localização: Florianópolis
Tipo: Carta pessoal
Data: 24 de junho de 1992.
Coletado por: VARSUL
Transcrição: Elaine Cristina Rosa Xavier
Revisão: Érica Marciano de Oliveira Zibetti

[fol. 1r] Linda 24, São João de 1992 | junho

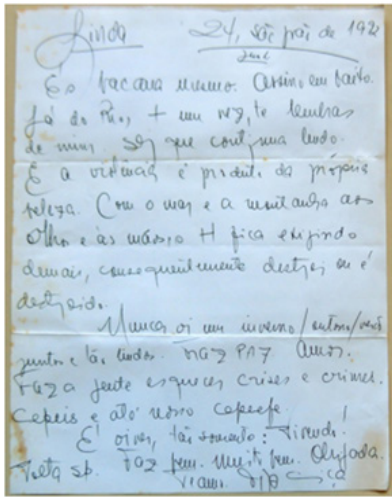
Agradecimento (afeição)

Opinião pessoal (política)

Pedido explícito + Agradecimento (afeição)

|| **És bacana mesmo. Assino em baixo. | Já do Rio, + uma vez, te lembrás | de mim. Sei que continua lindo. | E a violência é produto da própria | beleza. Com o mar e a montanha aos | olhos e às mãos, o Homem fica exigindo | demais, consequentemente destroi ou é destruído. || Nunca vi um inverno/outono/verão | juntos e tão lindos. Traz PAZ. Amor. | Faz a gente esquecer crises e crimes | Cepeis e até nosso cepeefe.**

|| **É viver, tão somente: Vivendo! | Volta sempre. Faz bem. Muito bem. Obrigada. || Te amo. Tia Ciça**



Fonte: Zibetti (2018, p. 147).

Após essas etapas, foi realizada uma testagem da proposta metodológica, em que foram aplicados os critérios dos contextos estilísticos em 50 cartas, correlacionando-os às variáveis linguísticas listadas a seguir e ilustradas por alguns excertos retirados da amostra, que observamos ser de uso recorrente na amostra:

(i) os pronomes pessoais sujeito de segunda pessoa singular (tu *versus* você) preenchidos ou nulos;

(1) Querida. Não sei por onde **estás**. Mas, na volta, **vais** me lêr. (Carta de 30/6/2008 – **Contexto estilístico: Resposta explícita**).

(2) Minha querida e amada T. — **Você** não precisa ir. **Você** é a Europa, a Norte América, o Canadá. **Conhece** tudo, melhor do que os que vão lá — Isso é coisa tua, criatura iluminada [...] (Carta 24/11/2004- **Contexto estilístico: Resposta explícita**).

(ii) os pronomes pessoais sujeito de primeira pessoa plural (nós *versus* a gente); preenchidos ou nulos;

(3) [...] **Nós. A gente** que se aproximou, de uma forma tão natural, espontânea. Concordas? [...] (Carta de 31/10/1996, **contexto estilístico: opinião pessoal**).

(4) [...] **A gente** é homem e bicho; como tál, as reações, emoções, sexo, vivência acompanham o signo. E dentro dêsse potencial, **somos** pretenciosos. O mundo é nosso. A liberdade, nossa bandeira e o amor nosso brasão. Tanto **saímos** às ruas para guerrilhas, como **vamos** de vela acêsa, na procissão do dos Passos. Daí a ousadia. Daí o atrevimento [...] (Carta de 21/08/1989, **contexto estilístico: opinião genérica**).

(iii) o imperativo de segunda pessoa (indicativo *versus* subjuntivo).

(5) [...] **Lê** essa “missiva”, e **joga** fora, deve estar lotada de vírus, bactérias, em geral [...] (Carta de 23/06/2010, **contexto estilístico: conselho**).

(6) [...] **Coma** verdes, amarelos, vermelho, **bebe** bastante água. Um bom som. Uma boa revista [...] (Carta de 16/05/2010, **contexto estilístico: conselho**).

A escolha desses fenômenos morfossintáticos também se deu por eles terem sido analisados, em muitos estudos, em dados de fala de Santa Catarina, retirados de entrevistas – gênero que comparamos com a carta pessoal¹¹⁷. Essa testagem da proposta metodológica buscou investigar em quais contextos estilísticos tais variáveis linguísticas foram mais produzidas.

Os resultados mostram que a forma pronominal **tu** (com 70 dados) aparece em todos os grupos de contextos estilísticos: *interacionais* (31 dados – 45%), *introspectivos* (21 dados – 30%), *narrativos* (8 dados – 11%) e *transversais* (8 dados – 11%), inclusive no *fechamento* das cartas (2 dados – 3%); enquanto a forma **você** (com 5 dados) aparece apenas nos grupos dos contextos *interacionais* (3 dados – 60%) e *transversais* (2 dados – 40%). Entretanto, o grupo contextual de maior frequência dessa variante foi o de contextos *interacionais*. Isso era o esperado porque essas variantes estão relacionadas à interação entre os interlocutores.

A forma pronominal **nós** (com 36 dados) aparece em todos os contextos estilísticos: *introspectivos* (22 dados – 61%), *narrativos* (9 dados – 25%), *interacionais* (3 dados – 8%), e *transversais* (2 dados – 6%); já a forma **a gente** (com 19 dados) aparece nos contextos *introspectivos* (12 dados – 63%), *narrativos* (4 dados – 21%), e *interacionais* (3 dados – 16%). Como essa variável linguística está relacionada à forma pessoal (a noção do “eu” plural, cf. LOPES; 1998) e à forma genérica (a noção do “eu-ampliado”, cf. LOPES; 1998), percebemos que

¹¹⁷ Essa comparação foi realizada conforme os valores paramétricos de Koch e Oesterreicher (2007), os quais mostram que o gênero carta pessoal é tão próximo da oralidade quanto a entrevista pessoal, e que ambos se distinguem pelo parâmetro da “distância física” (cf. KOCH; OESTERREICHER, 2007, p. 26-27).

essas variantes aparecem mais na exposição de um ponto de vista, nas reações apreciativas (avaliativas) e nas opiniões da missivista. Nesse sentido, o grupo contextual de maior frequência foi o de contextos *introspectivos*.

As formas do imperativo *indicativas* (com 37 dados) aparecem em todos os contextos estilísticos: *interacionais* (29 dados – 79%), *introspectivos* (4 dados – 11%), *narrativos* (2 dados – 5%) e *transversais* (2 dados – 5%); bem como, as *subjuntivas* (com 7 dados): *interacionais* (4 dados – 58%), *introspectivos* (1 dado – 14%), *narrativos* (1 dado – 14%) e *transversais* (1 dado – 14 %). Essa variável linguística está relacionada à interação entre missivista e interlocutora. Dessa forma, o grupo contextual de maior frequência foi o de contextos *interacionais*, conforme o esperado, devido à característica injuntiva desses contextos estilísticos.

Em resposta à questão (i)¹¹⁸ levantada na pesquisa por meio de um olhar interpretativo e qualitativo das missivas da amostra analisada, Zibetti (2018) elaborou uma proposta metodológica para captar os contextos estilísticos numa amostra de cartas pessoais através de um levantamento exaustivo dos enunciados que caracterizam relações de interação e cooperação entre a missivista e a interlocutora; enunciados que caracterizam diferentes aspectos discursivos, como relatos, avaliações e composições; e enunciados que caracterizam os modos e tempos verbais, pessoas do discurso, entre outros.

Respondendo às demais questões, de acordo com a autora, a proposta metodológica possibilitou investigar os contextos estilísticos correlacionados a determinados fenômenos linguísticos cujos resultados gerais reforçam o alto grau de intimidade e de familiaridade entre as interlocutoras, mesmo analisando a amostra de cartas de uma única missivista. Zibetti pode perceber que, no núcleo do texto epistolar, há enunciados que caracterizam relações de interação e cooperação entre a missivista e a interlocutora, como vimos no grupo dos estilos *contextuais interacionais; introspectivos; narrativos; e transversais*. Na testagem da proposta metodológica, foi feita uma correlação entre os contextos estilísticos e três variáveis linguísticas descritas acima. Os resultados gerais dessa correlação reforçam o alto grau de intimidade e de familiaridade entre as interlocutoras, principalmente em contextos estilísticos específicos, como os grupos de *contextos narrativos, interacionais e introspectivos*.

Consciente de algumas limitações da pesquisa, Zibetti (2018) pondera na conclusão do seu estudo que ele possa instigar outros sobre alternância estilística em cartas pessoais, atentando-se para as individualidades da escrita de cada

¹¹⁸ (i) Como captar os contextos estilísticos (a partir de quais elementos?) em cartas pessoais da amostra Cartas da Tia Ciça?

missivista no sentido de adaptar alguns critérios dos estilos contextuais à amostra em que se pretende investigar. Nessa direção, a autora sugere que esses contextos estilísticos possam ser trabalhados como uma variável independente complexa (composta por um rol de fatores socioestilísticos) relacionada ao estudo de determinadas variáveis dependentes, abrindo novos caminhos de investigação em estudos sociolinguísticos com cartas pessoais.

3.2. As formas tratamentais em cartas pessoais escritas na grande Florianópolis entre 1880 e 1940

O texto apresentado a seguir retoma brevemente algumas questões e resultados de Gouveia (2019). O objeto do estudo envolveu a descrição das formas de tratamento nominais e pronominais em cartas pessoais escritas por florianopolitanos com distintos perfis entre 1880 e 1940. O objetivo principal foi identificar quais eram as estratégias de tratamento (nominais e pronominais) utilizadas tanto nas relações de intimidade e proximidade quanto nas relações mais formais e distantes. A questão que norteou a pesquisa foi: no período investigado, quais eram as formas de tratamento ligadas às estratégias de intimidade, de respeito e de distanciamento preferidas por missivistas florianopolitanos? A hipótese principal da autora foi a de que, enquanto o **você** na escrita de florianopolitanos se restringe a determinadas situações e o **tu** se reserva a contextos de maior intimidade, as formas nominais e o sujeito **zero** ocorreriam como estratégia de tratamento em relações mais distantes e formais.

Essa hipótese foi confirmada, e os dados mostraram uma característica sobre o uso das formas de tratamento em Florianópolis que já fora identificada por Ramos (1989), com dados da década de 1980: a de que, nessa região, há um sistema quaternário de tratamento, envolvendo o uso de **tu**, **você**, **forma nominal** e **zero** na posição de sujeito.

Gouveia (2019) analisou 130 cartas¹¹⁹ escritas por diversos missivistas florianopolitanos (ou nascidos no litoral catarinense) a partir dos pressupostos teóricos da Teoria de Variação e Mudança (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), das orientações gerais da Teoria do poder e solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960) e das reflexões de Conde Silvestre (2007) sobre o uso de material histórico em pesquisa sociolinguística.

¹¹⁹ A amostra utilizada na pesquisa faz parte do banco de dados do projeto PHPB-SC, que, por sua vez, faz parte do projeto nacional Para a História do Português Brasileiro (PHPB). As cartas utilizadas foram coletadas nos seguintes arquivos: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), Fundação Casa Rui Barbosa (FCRB) e Arquivo Público Nacional do Rio de Janeiro (AN).

Dentre os dez grupos de fatores (cinco linguísticos e cinco extralinguísticos) estabelecidos para a pesquisa, a seguir será apresentado um pequeno recorte da análise, que se refere ao uso das *formas de tratamento na posição de sujeito* e ao *tipo de relação estabelecida entre os interlocutores*, com um cruzamento desses dois grupos de fatores.

3.2.1 Forma de realização do sujeito

A forma de realização do sujeito foi controlada para verificar quais eram as formas de tratamento utilizadas por missivistas florianopolitanos entre o fim do século XIX e início do século XX. Como sujeito **tu**, foram controladas tanto suas ocorrências expressas (7) quanto nulas (2):

(7) *Pois é ella, aquella menina que tu conheceste na tenrice <↑ineffavel> dos primeiros dias* (carta de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa, em 24/09/1888)

(8) *O que 0 fazes? o que 0 projectas? o que 0 tens em idéa?* (carta de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa, em 03/01/1889)

Como sujeito **zero**¹²⁰, foram controladas as ocorrências de sujeito em que se verifica “a ausência de qualquer forma de tratamento pelo informante” (cf. RAMOS, 1989, p. 53), conforme os fragmentos a seguir:

(9) *0 Não pode imaginar o prazer que nos deu a tua carta de 2 do passado, pois n'ella com satisfação vemos que 0 tem gosado saude.* (Carta de Carolina a Cruz e Sousa, 01/03/1891)

(10) *Antes de tudo, formulo votos que 0 tenha feito boa viagem como os de grata estada nessa metropole, Incluo tambem os defeliz regresso a Penátes.* (Bispo de Fpolis a José Boiteux, 18/06/1929)

Gouveia (2019) controlou como sujeito expreso por **formas nominais** tanto as formas “o senhor / a senhora”, como em (11), quanto outras formas nominais, como “o amigo”, (12) e (13), e “o prezado padrinho”, como em (14).

(11) *Ficar-lhe-ia muito grato se o Senhor me mandasse algumas apresentações, suas ou mesmo de alguns amigos daí.* (Carta de Benjamin a José Boiteux, 10/12/1932)

¹²⁰ Quando o sujeito foi nulo com verbo concordando com terceira pessoa e, na mesma carta, ocorreu anteriormente sujeito *tu*, o sujeito nulo foi considerado sujeito *tu* com verbo sem concordância canônica. Quando o sujeito era nulo com verbo concordando com terceira pessoa não antecedido por nenhuma forma de sujeito expreso, esse sujeito nulo foi considerado sujeito *zero*. Quando ocorreu sujeito nulo com verbo concordando com terceira pessoa antecedido por *você* ou por formas nominais, esse sujeito foi considerado como *você* ou como forma nominal, respectivamente; quando antecedido pelas duas formas, foi considerado sujeito *zero*.

(12) **O amigo** não póde calcular certamente nem a metade da situação por que estou passando. (Carta de Cruz e Sousa a Alberto Costa, 08/05/1896)

(13) Ao ultimo comuniquei o conteudo da carta e ele ficou ciente do interesse que **o amigo** tem tomado pela nomeação dele para o cargo de quimico a crear-se nesse Estado. (Carta de Odilon Gallotti a José Boiteux, 25/04/1932)

(14) E **o prezado padrinho** aceite afetuoso abraço do afilhado e amigo, que todas as felicidades lhe deseja. (Carta de Benjamin a José Boiteux, 10/12/1932)

Foram controladas ainda todas as formas expressas (15) e nulas¹²¹ (16) do pronome *você* na posição de sujeito:

(15) Meo Caro Filho **você** diz que sentiu muito a nossa separação pois o que hei de dizer eu? (Carta de Carolina a Cruz e Sousa, 06/01/1890)

(16) Como **voçê** poderá verificar na leitura dos diarios desta capital, essa ameaça cruel con- tinua a pairar sobre essa pobre velhinha. (Carta de E. Farias a José Boiteux, 20/06/1931)

A expectativa era de que se encontrasse na amostra (em que predominam, em número, as cartas trocadas entre amigos) a preferência pelo pronome **tu** como sujeito, por essa ser a forma predominante em Florianópolis no tratamento entre pessoas mais próximas. Em situações de mais formalidade e distanciamento, esperava-se que fossem mobilizadas estratégias de tratamento das formas associadas a **você** e de formas nominais e **zero**. A partir dos resultados de Ramos (1989)¹²², que mostraram o predomínio de **zero** como tratamento utilizado por seus informantes, a expectativa era de que, dessas três formas, predominasse o **zero**, seguido de **você** e das formas nominais.

De todas as formas de realização de sujeitos nulos e expressos (no total de 460 dados), predominou na amostra investigada a forma **tu** (87%), seguida da forma **zero** (6%) e das formas nominais (5%). Apenas 2% dos sujeitos ocorreram na forma **você** (10 dados).

3.2.2 Tipo de relação entre interlocutores

Para verificar quais formas de realização de sujeito eram preferidas de acordo com o tipo de relação que era estabelecida entre os interlocutores, foi controlada

¹²¹ Foi considerado como pronome *você* nulo o sujeito nulo com verbo em terceira pessoa em trechos antecidos por algum uso do pronome *você* expresso.

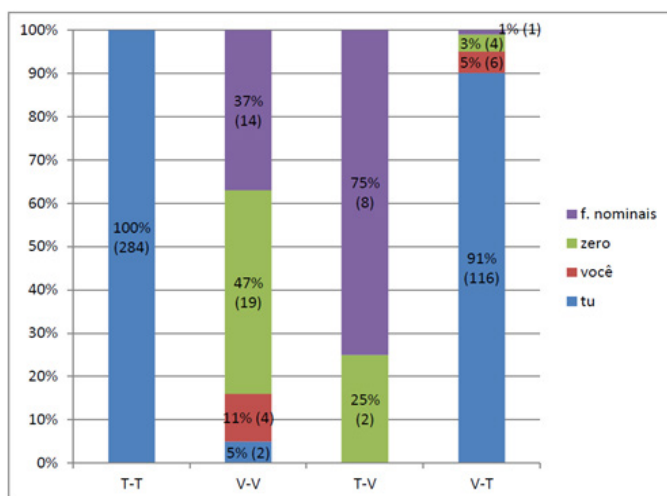
¹²² Os resultados gerais de Ramos (1989) indicaram 40% de uso de *zero*, 31% de *você*, 20% de *tu* e 9% de *senhor*.

a variável *tipo de relação entre os interlocutores*. As relações identificadas foram classificadas em Gouveia (2019) da seguinte maneira:

- (i) Relações simétricas de intimidade (T-T): as relações entre amigos e entre noivos, entre pessoas de idades semelhantes, profissões semelhantes ou com algum parentesco entre si.
- (ii) Relações simétricas mais distantes e formais (V-V): as estabelecidas em missivas de interlocutores que não são amigos, mas mantêm algum tipo de relação, como exercer profissão semelhante, pertencer ao mesmo partido ou movimento político, ter amigos ou projetos em comum, colaborar para o mesmo periódico etc.
- (iii) Relações assimétricas ascendentes (T-V): estabelecidas, na amostra, entre sobrinhos e um afilhado com seu tio e padrinho.
- (iv) Relações assimétricas descendentes (V-T): estabelecidas em cartas escritas de pais para filhos e de mãe para filho.

A partir do cruzamento dos dados do tipo de sujeito utilizado e da relação entre os interlocutores, percebeu-se o uso categórico de **tu** em relações do tipo T-T e o predomínio de **tu** em relações do tipo V-T. Além disso, o **tu** ocorreu muito timidamente em relações do tipo V-V e não ocorreu em relações do tipo T-V, conforme se observa no Gráfico 11.2.

Gráfico 11.2 – Cruzamento entre a forma do sujeito e o tipo de relação entre os interlocutores.



A forma **você** sujeito ocorreu em apenas 6 (5%) dos 127 dados de interlocutores que estabelecem relação do tipo V-T e em 4 (11%) dos 39 dados de interlocutores que estabelecem relação do tipo V-V.

O sujeito **zero** foi o tratamento predominante (19 dos 39 dados, 47%) nas cartas com relação entre interlocutores do tipo V-V; nas cartas com relações do tipo T-V, o sujeito **zero** ocorreu em 2 dos 10 dados, e em cartas com relações do tipo V-T, ocorreu timidamente, representando 3% dos dados de sujeito, 4 em 127.

O uso de formas nominais na posição de sujeito ocorreu apenas em cartas com relações dos tipos V-V (14 de 39 dados, 37%) e T-V (8 de 10 dados, 75%).

Ao se olhar apenas para a posição de sujeito, observamos o predomínio do uso de **zero** e de formas nominais nas cartas com maior teor de formalidade e o predomínio de **tu** nas cartas trocadas entre amigos e noivos e escritas de pais e mãe para filhos. A forma **você** não foi a preferida em nenhum dos quatro tipos de relações. Percebeu-se, portanto, que, em relações respeitosas e não íntimas, os missivistas optaram por: (i) não se comprometer com nenhuma forma de tratamento, escolhendo o **zero** como estratégia; (ii) marcar o tipo de relação estabelecida por meio do uso de formas nominais que indicam a posição de cada interlocutor na diáde (“meu tio”, “o amigo”, “o prezado padrinho”).

Na amostra analisada, foi possível perceber que a forma **você** estava em circulação em determinados contextos, porém, ao longo do período investigado (1880-1940), **tu** e **você** em Florianópolis não se mostraram como variantes de uma mesma variável. Além disso, as formas de complementos, imperativos e possessivos relacionadas a **você** pareceram se associar linguisticamente às formas nominais mais antigas que o pronome **você**. Dessa maneira, não foi identificada a implementação de **você** na escrita dos missivistas investigados.

Os resultados de Gouveia (2019) se somam aos de pesquisas com dados da escrita catarinense da primeira metade do século XIX (NUNES DE SOUZA, COELHO, 2013; NUNES DE SOUZA, 2011; COELHO, GÖRSKI, 2011; NUNES DE SOUZA, 2015) e da segunda metade do século XX (NUNES DE SOUZA, COELHO, 2013; NUNES DE SOUZA, 2011; COELHO, GÖRSKI, 2011; NUNES DE SOUZA, 2015; GRANDO, 2016), cobrindo um período (primeira metade do século XX) sobre o qual ainda não há muitos estudos. Essa contribuição só se tornou possível por causa da ampliação contínua e sistemática do banco de dados do PHPB-SC pela equipe do projeto e da valiosa orientação da professora Izete Lehmkuhl Coelho.

4. FORMAS TRATAMENTAIS NO DISCURSO RELIGIOSO: DUAS VERSÕES BRASILEIRAS DA BÍBLIA

Mafrá (2018) descreve e analisa as formas de tratamento ao interlocutor nas funções morfossintáticas de sujeito e imperativo, bem como o uso do vocativo, presentes no discurso de personagens dos livros de Lucas e Atos em duas versões brasileiras da Bíblia publicadas pela Sociedade Bíblica do Brasil: Almeida Revista e Atualizada (RA, 1959) e Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH, 2000).

O estudo do fenômeno pautou-se por alguns pressupostos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), pelos parâmetros de oralidade *versus* escrituralidade: linguagem da imediatez *versus* da distância (KOCH; OESTERREICHER, 2013 [1985]), pelo conceito de tradições discursivas (KOCH, 1997; KOCH; OESTERREICHER, 2007; KABATEK, 2006; 2012), pelas relações de poder e solidariedade (BROWN; GILMAN, 2003 [1960]) e pela abordagem do *design* da audiência (BELL, A., 1984; 2001), tomada pela autora em dois sentidos: 1) o público-alvo ao qual se destinou cada versão bíblica; 2) a audiência dos personagens bíblicos de cada versão.

Quanto aos grupos de fatores linguísticos, na função de sujeito, foi controlado o grupo (i) presença e localização do sujeito; e, na função de imperativo, foram controlados os grupos (ii) forma verbal e (iii) presença e localização do clítico. O grupo de fatores linguísticos tipo de discurso foi controlado para as duas funções morfossintáticas.

Foram controlados os seguintes grupos de fatores extralinguísticos a partir de dados das personagens: sexo/gênero, idade, relações familiares, relações profissionais, relações religiosas, ambiente e audiência.

Foram computados 668 dados de formas de tratamento em função de sujeito e imperativo, os quais foram analisados de forma qualitativa, em conjunto com o sujeito relacionado, quando possível. Além disso, a autora encontrou um total de 217 vocativos. A seguir, apresentamos alguns exemplos:

(17) LUCAS 1.13

RA, 1959

Disse-lhe, porém, o anjo: *Zacarias* [vocativo], não temas, porque a tua oração foi ouvida; e Isabel, tua mulher, te dará à luz um filho, a quem *darás* [sujeito] o nome de João.

NTLH, 2000

Mas o anjo lhe disse:

— Não tenha medo, *Zacarias* [vocativo], pois Deus ouviu a sua oração! A sua esposa vai ter um filho, e *você* [sujeito] porá nele o nome de João.

(18) LUCAS 3.21-22

RA, 1959

E aconteceu que, ao ser todo o povo batizado, também o foi Jesus; e, estando ele a orar, o céu se abriu, e o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea como pomba; e ouviu-se uma voz do céu: *Tu* [sujeito] és o meu Filho amado, em ti me comprazo.

NTLH, 2000

Depois do batismo de todo aquele povo, Jesus também foi batizado. E, quando Jesus estava orando, o céu se abriu, e o Espírito Santo desceu na forma de uma pomba sobre ele. E do céu veio uma voz, que disse:

— *Tu* [sujeito] és o meu Filho querido e me *dás* [sujeito] muita alegria.

(19) LUCAS 5.24

RA, 1959

Mas, para que saibais que o Filho do Homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados — disse ao paralítico: Eu te ordeno: *Levanta-te* [imperativo], *toma* [imperativo] o teu leito e *vai* [imperativo] para casa.

NTLH, 2000

Pois vou mostrar a vocês que eu, o Filho do Homem, tenho poder na terra para perdoar pecados.

Então disse ao paralítico:

— Eu digo a você: *levante-se* [imperativo], *pegue* [imperativo] a sua cama e *vá* [imperativo] para casa.

Os resultados atestaram, com relação às funções morfossintáticas de sujeito e imperativo, um sistema de tratamento categórico com formas de **tu** na RA (1959) e um sistema em variação entre **tu**, **você** e **o senhor** na NTLH (2000) com a seguinte distribuição: o uso do pronome **tu** exclusivamente em orações e no diálogo entre Deus e Jesus (forma exclusiva para a divindade); uso da forma **o senhor** para o tratamento de pessoas superiores em poder; e uso da forma **você** para pessoas iguais ou inferiores em poder, bem como para marcar falta de solidariedade de inferior para superior.

Dos 217 casos de vocativo computados, 110 foram da versão RA (1959) e 107 da NTLH (2000). Em ambas as versões, os vocativos **pai** e **senhor** foram utilizados em referência a Deus e os vocativos **mestre** e **senhor** em referência a

Jesus. A diferença entre as duas versões no uso do vocativo se concentra na forma **patrão**, usada em referência a patrões na NTLH (2000), em substituição à forma **senhor**, usada nesse mesmo contexto na RA (1959).

No que diz respeito às condições de comunicação e estratégias de verbalização dentro do contínuo concepcional no uso das formas de tratamento, a versão mais antiga (RA, 1959) apresentou elementos próprios da linguagem da distância/escrituralidade – desenhada para um leitor ideal mais escolarizado –, ao passo que a versão mais recente (NTLH, 2000) apresentou elementos condizentes com a linguagem da imediatez/oralidade – desenhada para um leitor ideal menos escolarizado (KOCH; OESTERREICHER, 2013 [1985]; BELL, A., 1984; 2001).

Quanto ao tipo de relação existente entre as formas tratamentais de cada versão (KOCH, 1997; KOCH; OESTERREICHER, 2007; KABATEK, 2006; 2012), considerando as propostas de cada equipe de tradução e, ao mesmo tempo, a natureza tradicional do texto religioso, formas de tratamento inovadoras tiveram espaço na nova versão (NTLH, 2000), desde que não fossem alvo de estigma por parte da comunidade leitora.

Por exemplo, na versão antiga, os clíticos associados ao imperativo foram utilizados categoricamente em conformidade com os compêndios gramaticais:

(20) *Alegra-te*, muito favorecida! [anjo a Maria] (Lucas 1.28)

(21) *Vai*, porque este é para mim um instrumento escolhido [Jesus a Ananias] (Atos 9.15)

Já na versão mais recente, ocorreram dados de clítico iniciando a sentença, o que contraria o preconizado pelos compêndios gramaticais:

(22) Senhor, *nos* ensine a orar, como João ensinou os discípulos dele. [um discípulo a Jesus] (Lucas 11.1)

(23) *Me* diga! Foi por este preço que você e o seu marido venderam o terreno? [Pedro a Safira] (Atos 5.8)

(24) *Me* deixe ir com o senhor! [homem possesso para Jesus] (Lucas 8.38)

Mesmo assim, a NTLH (2000) ainda guarda alguns elementos que não são próprios ao parâmetro da oralidade, tais como a uniformidade de tratamento ao interlocutor, conforme as regras preconizadas pelos compêndios gramaticais, e a manutenção da forma de tratamento direcionada à divindade (**tu**). Foi verificado, pois, um jogo de forças que permitiu algumas mudanças, mas impediu e/ou refreou outras, e isso ocorreu porque as equipes de tradução pesaram não só a influência do público-alvo, mas também a aceitação da tradução por outras personas do meio religioso para além do leitor recém-convertido. Ou seja, os tradutores precisaram

levar em conta também a história própria ao texto sagrado religioso, considerando, assim, a TD própria a esse tipo de discurso.

Por fim, quanto à relação entre os personagens e os interlocutores de cada versão no uso das formas de tratamento, levando em conta o sistema categórico de **tu** na versão mais antiga e o sistema composto por **tu**, **você** e **o senhor** na versão mais recente, Mafra (2018) hipotetizou que, na RA (1959), outras estratégias além das formas de tratamento indicariam as relações de poder e/ou de solidariedade, ao passo que, na NTLH (2000), cada uma das formas indicaria diferentes relações de poder e/ou de solidariedade entre os personagens e seus interlocutores. No que diz respeito à versão mais recente, esta hipótese foi atestada. Quanto à mais antiga, não foi possível reunir elementos suficientes para identificar estratégias para além das formas de tratamento que marcassem a hierarquia social.

Para uma análise mais refinada e menos enviesada, a autora sugere, para continuidade da pesquisa: a) o trabalho com outras variáveis linguísticas, ou uma ampliação da amostra, utilizando livros de outros gêneros em cada versão; b) a ampliação da amostra com outras versões/traduições; c) a combinação das propostas *a* e *b*; e d) a comparação do uso das formas de tratamento em ambiente musical cristão ao longo dos últimos séculos, o que poderia identificar com mais clareza os contextos de uso por meio dos quais a forma inovadora **você** ganhou espaço no ambiente religioso.

5. NO PRESENTE E NO PASSADO, A ESTREITA RELAÇÃO ENTRE FORMAS TRATAMENTAIS E ALTERNÂNCIA ESTILÍSTICA

Os resultados das quatro dissertações de mestrado aqui retomadas mostram percursos de mudança nas formas tratamentais em SC, quer na fala de adolescentes catarinenses e de outros estados que moram em Florianópolis, quer em cartas pessoais dos séculos XIX e XX, e a sua estreita relação com a alternância estilística, também refletida no discurso religioso por meio da análise de duas versões de tradução da Bíblia.

Mostramos que, em uma amostra de adolescentes que moram em Florianópolis, o local de nascimento é uma variável significativa para o uso das formas tratamentais associadas a um paradigma de **tu** ou de **você**: há um uso majoritário de um paradigma de **tu** em adolescentes nascidos em Florianópolis/SC ou Porto Alegre/RS e de um paradigma de **você** em adolescentes nascidos em Curitiba/PR e Goiânia/GO; há alternância entre os dois paradigmas adolescentes nascidos em Santos/SP e Vitória da Conquista/BA. Esses resultados evidenciam que os adolescentes

que moram em Floripa seguem os padrões de uso encontrados nos estados em que nasceram (ver SCHERRE et al., 2015 para um mapeamento das formas no Brasil). Nesse sentido, a fala da maioria dos informantes que não nasceram em Florianópolis conserva fortemente as marcas de uso de **tu** ou de **você** dos seus Estados de origem, mas alguns alternam com a variante usada em Florianópolis, mostrando a influência do uso da variante **tu**.

Apresentamos a proposta metodológica de Zibetti (2018) para captar os contextos estilísticos em amostras de cartas pessoais através de um levantamento exaustivo de enunciados que caracterizam relações de interação e cooperação entre a missivista e a interlocutor. Essas relações podem se materializar em enunciados que caracterizam diferentes aspectos discursivos – relatos, avaliações e composições – e em enunciados que caracterizam os modos e tempos verbais – pessoas do discurso, entre outros. Em observação a duas variáveis linguísticas e essas relações na amostra de cartas pessoais da tia Ciça, mostramos que, na expressão da primeira pessoa do plural, o pronome **nós** é mais recorrente e aparece em todos os contextos estilísticos, enquanto o pronome **a gente** está limitado aos contextos introspectivo, narrativo e interacional. As formas do imperativo *indicativas* e *subjuntivas* aparecem em todos os contextos estilísticos.

Sobre o passado, mostramos que, em cartas pessoais catarinenses de 1880 a 1940, mesmo estando a forma **você** em circulação em determinados contextos, é possível afirmar que os pronomes **tu** e **você** em Florianópolis não são variantes de uma mesma variável. Ademais, as formas de complementos, imperativos e possessivos que poderiam estar associados a um paradigma de **você** parecem estar linguisticamente vinculados às formas nominais, mais antigas que o pronome **você**. Isso nos permite aventar que, no período analisado, não se identifica a implementação de **você** na escrita dos missivistas catarinenses.

Sobre as formas tratamentais na função de sujeito e formas imperativas em discurso de personagens dos livros de Lucas e Atos em duas versões brasileiras da Bíblia, no que diz respeito às condições de comunicação e estratégias de verbalização dentro do contínuo concepcional no uso das formas de tratamento, podemos afirmar, com a pesquisa de Mafra (2018), que a versão mais antiga (RA, 1959) apresenta elementos próprios da linguagem da distância/escrituralidade – desenhada para um leitor ideal mais escolarizado –, ao passo que a versão mais recente (NTLH, 2000) apresenta elementos condizentes com a linguagem da imediatez/oralidade.

REFERÊNCIAS

- ARDUIN, J. *A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na região sul do Brasil*. 2005. 123 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Programa de pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.
- BELL, A. Back in style: reworking audience design. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (eds.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge Press, 2001, p. 139-169.
- BELL, A. Language style as audience design. *Language in Society*, n. 13, v. 2, p. 145-201, 1984.
- BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (eds.). *Sociolinguistics The essential readings*. United Kingdom: Blackwell, 2003 [1960].
- COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M. A variação no uso dos pronomes tu e você em Santa Catarina. In: LOPES, C.; REBOLLO, L. (orgs.) *Formas de tratamento em Português e Espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. Rio de Janeiro: Editora da UFF, 2011, p. 263-287.
- COELHO, I. L. A trajetória de mudança dos pronomes tu e você em Santa Catarina: análise de cartas pessoais (1880-1990). *LABORHISTÓRICO*, v. 5, p. 130-161, 2019.
- CONDE SILVESTRE, J. C. *Sociolinguística Histórica*. Madrid: Editorial Gredos, 2007.
- COUPLAND, N. Language, situation, and the relational self: theorizing dialect-style in sociolinguistics. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. (Eds.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge Press, 2001. p. 185-210.
- COUPLAND, N. *Style: language variation in identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- COUPLAND, N. The Sociolinguistics of Style. In: MESTHRIE, R. (Ed.) *The Cambridge Handbook of Sociolinguistics*. Cambridge: CUP, 2011. p. 138-156.
- ECKERT, P. Style and social meaning. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. (Eds.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge Press, 2001. p. 119-126.
- ECKERT, P. The meaning of style. In: CHIANG, W. F.; CHUN, E.; MAHALINGAPPA, L. & MEHUS, S. (Eds.). *Proceedings of the Eleventh*

Annual Symposium about Language and Society - Texas Linguistic Forum, vol. 47, p. 41-53, 2004.

GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; SOUZA, C. M, N (Org.) . *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. 1. ed. Florianópolis: Insular, v. 1. 2014.

GRANDO, V. *Formas de tratamento nas cartas de Harry Laus para Claire Cayron: uma análise sociolinguística*. 2016. 84f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Língua Portuguesa e Literaturas) – Departamento de Letras e Línguas Vernáculas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

KABATEK, J. Tradições discursivas e mudança lingüística. In: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N. *Para a História do Português Brasileiro*, Vol. VI: Novos dados, novas análises, Tomo II. Salvador, Bahia: EDUFBA, 2006, p. 505-527.

KABATEK, J. Tradição discursiva e gênero. In: LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A.; RIBEIRO, S. (Orgs.). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [on-line]. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 579-588.

KOCH, P. Diskurstraditionen: zuihremsprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik. In: FRANK, B.; HAYE, T. TOPHINKE, D. (Hrsg.). *GattungenmittelalterlicherSchriftlichkeit*, Tübingen: Narr 1997 (Script Oralía, 99), 43-79. Tradução de Alessandra Castilho da Costa, UFRN, 18 p.

KOCH, P.; OESTERREICHER, W. *Lengua Hablada em La Romania: español, francés, italiano*. Versión española revisada, actualizada y ampliada por los autores. Gredos: Madrid, 2007.

KOCH, P.; OESTERREICHER, W. *Linguagem da imediatez: linguagem da distância: oralidade e escrituralidade entre a teoria da linguagem e a história da língua*. Versão para o português: Hudinilson Urbano e Raoni Caldas. Linha d'Água, n. 26 (1), p. 153-174, 2013 [1985].

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. De M. Bagno, M. M. P. Scherre e C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LABOV, W. The anatomy of style-shifting. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. (Eds.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge Press, 2001; p. 85-108.

LOPES, C. R. S. Tradição Discursiva e mudança no sistema de tratamento do português brasileiro: definindo perfis comportamentais no início do século XX. *Alfa*, São Paulo, v. 2, n. 55, p. 361-392, 2011.

LOPES, C. R. dos S.; MARCOTULIO, L. L. O tratamento a Rui Barbosa. In: CALLOU, D.; BARBOSA, A. (Org.). *A norma brasileira em construção: cartas a Rui Barbosa (1886 a 1899)*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011.

LOPES, C. R. dos S. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. *DELTA* [online]. 1998, vol.14, n.2. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000200006&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0102-4450. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44501998000200006>. Acesso em março de 2020.

LOPES, C. R. dos S. A história da família Ottoni nas linhas e entrelinhas. In: LOPES, C. R. dos S. (Org.). *A norma brasileira em construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX*. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas; FAPERJ, 2005.

NUNES DE SOUZA, C. M. *Poder e solidariedade no teatro florianopolitano dos séculos XIX e XX: uma análise sociolinguística das formas de tratamento*. 2011. 280 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

NUNES DE SOUZA, C. M. *A alternância entre tu e você na correspondência de florianopolitanos ilustres no decorrer de um século*. 2015. 182 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

NUNES DE SOUZA, C. M.; COELHO, I. L. O sistema de tratamento em Santa Catarina: uma análise de cartas pessoais dos séculos XIX e XX. *Revista do GELNE*, Vol. 15. N. 1/2, p. 213-243, 2013.

NUNES DE SOUZA, C. M.; COELHO, I. L. Caminhos para a investigação da alternância de pronomes de segunda pessoa em Santa Catarina. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, n. 1, v. 1, p. 49-61, jan./jun. 2015.

RAMOS, M. P. B. *Formas de tratamento no falar de Florianópolis*. 1989. 106 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1989.

RUMEU, M. C. B. *A implementação do 'Você' no Português Brasileiro Oitocentista e Novecentista: um estudo de painel*. 2008. 276f. Tese (Doutorado

em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. 2v.

SCHILLING, N. Investigating stylistic variation. In: CHAMBERS, J. K., TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.). *The handbook of language variation and change*. 2a ed. Malden: Blackwell, 2013, pp. 327-349.

TRAESEL, R. *As formas variáveis de tratamento ao interlocutor na Ilha de Santa Catarina: estudo da fala de adolescentes dos Ingleses*. 2016. 181f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística.

ZIBETTI, É. M. de O. *Uma proposta metodológica para o estudo da alternância estilística na amostra Cartas da Tia Ciça*. 2018. 176f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

